



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante assinatura de atos relativos à Educação

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 19 de julho de 2010

Eu não ia falar, mas eu lembrei que vai ser a última reunião minha com vocês, ou seja, penso que não tem nenhuma reivindicação entre julho...

_____ : (incompreensível) toca nesse assunto (risos).

Presidente: Não, não, entre julho e dezembro, pelo menos. Não, eu só queria dizer para vocês o seguinte: uma coisa, Edward, você que é o presidente da Andifes, uma coisa que eu penso que aconteceu no Brasil e vai se consagrar, enquanto política pública, é o fato de o governo ter aprendido que ouvir as pessoas faz bem, que ouvir as pessoas, mesmo quando as pessoas estão zangadas, mesmo quando as pessoas estão questionando, muitas vezes permite que a gente faça coisas corretas, que, se não fossem as críticas, a gente poderia fazê-las incorretas. Esse é um dado muito importante, e acho que é um paradigma que ficou para quem assumir a Presidência a partir de 1º de janeiro do próximo ano.

Nós fizemos oito reuniões com os reitores, nós fizemos reuniões com todas as pessoas das escolas técnicas brasileiras, nós fizemos reuniões com todos os segmentos organizados da sociedade. Até Conferência Nacional de Segurança Pública nós fizemos, com a polícia. Fizemos reuniões... Acho que não ficou um setor organizado da sociedade que nós não fizemos uma conferência nacional e que tomamos as decisões que nós consideramos corretas – algumas muito criticadas, outras menos criticadas. Por exemplo, quando nós fizemos a última Conferência de Direitos Humanos, vocês viram que nós tomamos uma quantidade de bordoadas que, se a gente não tivesse o



casco duro, a gente sangrava.

E, aí, nós fomos perceber que a questão era eminentemente ideológica. Porque nos documentos de direitos humanos feitos em 1996, e nos documentos de direitos humanos feitos em 2002 – portanto, eu não era presidente ainda –, os dois documentos eram muito mais duros do que os documentos que nós fizemos.

Qual era a diferença, então? Por que nós apanhamos tanto, e os de [19]96 e de 2002 não apanharam? É porque, certamente, quem concordou com o de 2002 e [19]96 sabia que ele era duro, mas não era para ser aplicado. E sabia que o nosso não era tão duro, mas a gente vai aplicá-lo na medida do possível e na medida em que o Congresso consiga transformar em lei parte das coisas que nós colocamos na questão dos Direitos Humanos.

Mas nós fizemos reuniões importantes, que eu penso que muda a história deste país. Eu já cheguei a participar em reuniões embaixo de ponte, lá em São Paulo, no Glicério, com o BNDES assinando R\$ 200 milhões de empréstimo para catadores de papel. Ou seja, quem é que imaginava, primeiro, o presidente do BNDES embaixo de um viaduto, lá no Glicério, em São Paulo? Segundo, quem é que imaginava que os catadores de papel fossem se organizar para pedir dinheiro emprestado? Terceiro, quem é que acreditava que eles tivessem a ousadia de tomar R\$ 200 milhões emprestados para fazer com que o catador de papel se transformasse em uma posição digna, que não fosse [que fosse] um cidadão que andasse de cabeça erguida, que não tivesse vergonha de nós, quando nós passamos com os nossos carros. Eles se sentem, hoje, organizados, como se fossem um trabalhador da educação, como se fosse um “Magnífico” catador de papel fazendo limpeza daquilo que nós, muitas vezes, sujamos.

E, aí, as outras conferências que nós fizemos, ou seja, o jeito que a gente procedeu com vocês é o jeito que a gente procede, por exemplo, com a Contag, com a Passeata das Margaridas, que vocês veem de vez em quando



nas ruas, com os trabalhadores sem-terra, com a Fetraf, com a CUT, com os aposentados, ou seja, eles chegam aqui... Com os prefeitos brasileiros. Eles chegam aqui, todo mundo apresenta a pauta de reivindicação, nós distribuimos essa pauta de reivindicação para todos os ministérios que têm alguma coisa a ver com aquela pauta. Depois, a coordenação senta, vai ver com cada ministério qual é a dificuldade, vai ver o que é possível atender, o que não é possível atender. E ficou uma coisa tão agradável que, hoje, a gente dizer que não pode atender uma coisa já não é mais ofensivo, a pessoa já não se sente mais como se tivesse sendo traída: “Não estão atendendo uma reivindicação minha”.

Muitas vezes, aqui, com a Contag e com a CUT, com a Força Sindical, com os aposentados, com os sem-terra, com os portadores de deficiência, com quem vocês possam imaginar, muitas vezes, muitas vezes a gente fica contando o seguinte: “De 80 que vocês pediram, nós atendemos quantas?” “Setenta”. “Então, faltam dez. Vamos tentar trabalhar melhor essas dez para os próximos anos”. E assim nós conseguimos avançar em todos os segmentos da sociedade brasileira.

Vocês estão lembrados que eu dizia sempre o seguinte: “Nós precisamos criar condições de mudar a relação do Estado com a sociedade, e de mudar a relação do Sindicato com as pessoas... do governo com as pessoas”. Ou seja, não é possível um governo achar que ele pode governar este país sentado no seu gabinete, ouvindo só puxa-saco ou lendo artigos de pseudoespecialistas. Não é possível! Este país, para dar certo, você tem que ouvir tudo isso, mas você precisa sentir o olhar das pessoas, o bater do coração das pessoas, você ouvir o que as pessoas têm para te dizer. Às vezes, em uma coisa muito simples, as pessoas ensinam a gente.

Eu, uma vez, perguntei para o Fernando Haddad: “Que diabo de tanto medo que se tem de autonomia universitária? Qual é o bicho papão que se tem com relação à autonomia universitária?” E, aí, eu fiquei sabendo que não era



bem a educação que tinha, que era muito mais a parte econômica do governo que tinha, que era muito mais o Planejamento que tinha, que era muito mais... Bem, então, a gente, então, vai sentar, vai sentar com os companheiros para tirar a diferença. Onde é que está a diferença?

Nós ficamos dois anos... Temporão e Fernando Haddad não parecem dois grandes amigos? Duas pessoas fantásticas? Olha ali, ó. Nós, nós ficamos exatamente dois anos e meio para a gente acertar a questão dos hospitais universitários. Dois anos e meio em reuniões maravilhosas, em que Fernando e Temporão se abraçavam, se beijavam, e que estava tudo certo, cada um (incompreensível) tanto, e tal. Aí, passavam seis ou sete meses, eu encontrava alguém, em algum lugar. Esses dias, eu encontrei um reitor, em uma cidade do interior de São Paulo...

_____: Uberlândia.

Presidente: Hein? Em Uberlândia. E ele falou assim para mim: “Ô Presidente, pelo amor de Deus, aquela questão do hospital universitário não saiu ainda, Presidente!” Eu, na hora, liguei para o Temporão e, na hora, liguei para o Fernando Haddad, e não tinha saído, o reitor estava certo. Se eu não tivesse encontrado com aquele reitor, possivelmente não tivesse saído ainda. Por quê? Porque cada um – e é normal – cada um senta em cima do seu dinheiro, e cada um quer que o Paulo Bernardo crie um dinheiro novo, para eles não gastarem o dinheiro deles que já existia. É uma coisa, eu diria, fantástica, mas é assim que, que...

Outro dia, eu até conto isso para o Paulo Bernardo, outro dia o Sergio Rezende chegou na minha sala nervoso, irritado, e disse assim para mim: “Presidente, eu estou há nove meses, Presidente, querendo criar o Instituto da Mata Atlântica, não, o Instituto do Cerrado, o da Caatinga...



_____ : ...o Pantanal.

Presidente: ...o Pantanal, e o negócio da Mata Atlântica, Presidente. E eu já mandei lá no Planejamento... Está há nove meses, Presidente, pelo amor de Deus. A gente vai ter a Conferência de Ciência e Tecnologia, era para a gente anunciar, Presidente. O que aconteceu?” Eu ligo para o Paulo Bernardo, o Paulo Bernardo não estava, eu falo, então, com o braço direito dele. Aí eu falei: “João, é o seguinte: eu estou aqui com o ministro Sergio Rezende e ele está me dizendo que, há nove meses, ele mandou para você três propostas para a criação de três institutos”. Um, inclusive, Paulo, eu tinha ido lançar em Campina Grande, em 2004, do Semiárido, eu tinha ido pessoalmente, com o Sergio Rezende. Aí eu falei: “Ô companheiro, eu não sei por que demorou nove meses. Mas, agora, eu vou he dizer: você vai ter apenas dois dias para fazer o que você não fez em nove meses, porque eu vou assinar isso na Conferência de Ciência e Tecnologia”. E, aí, graças a Deus, certamente com o dedo do Paulo Bernardo, nós conseguimos assinar isso.

Então, eu... Por isso que eu acho importante as pessoas cobrarem da gente, as pessoas cobrarem, e as pessoas não terem medo. Às vezes, a cobrança é chata. Às vezes você está em uma reunião em que você pensa que vai ser só assunto legal, só coisa boa, que todo mundo vai só falar bem do governo, daqui a pouco levanta um cricri e já dá logo uma porrada no governo, ali. Você vai ficar chateado, inibido: “Aquele cara não é disso, não é daquilo, é da oposição, é de tal corrente política...”, quando, na verdade, a gente deveria agradecer.

Eu acho que esse é o ensinamento que a gente, quando governa um país e não se sente dono do país, a gente aprende que é bom: é a gente ouvir, mesmo aquilo que a gente não gosta, mas a gente ouvir. Ouvir, quem sabe processar na cabeça da gente, quem sabe uma coisa que você ficou chateado e parecia que era impossível de você gostar, um mês depois você descobre



que aquilo era bom e que aquilo poderia ser colocado em prática.

Então, eu acho que esse, Fernando, é um grande legado que nós vamos deixar para este país. Agora, tem uma coisa: vocês não podem ter medo de procurar quem for eleito para conversar. Não se trata de vocês gostarem ou não, se trata de que vocês conquistaram um direito. Durante oito anos vocês se reuniram com o presidente da República, com o seu Ministro, apresentaram proposta de reivindicação, foram atendidos em algumas, não foram em outras. No ano seguinte, a gente voltava a nos reunir, vocês cobravam... Isso é um direito que vocês conquistaram. Então vocês não podem amanhã: “Ah, porque entrou fulano, beltrano, sicrano ou fulana, aí eu não vou mais, porque não vai me receber”. Não. Vocês têm que transformar isso numa questão de honra. Afinal de contas, serem recebidos por reitor, ou melhor, receber o reitor, qual é o problema?

Eu, de vez em quando, vou dormir e fico imaginando o que levou alguns ministros, que foram reitores, a não ter coragem de se reunir com reitor? Eles foram reitores. Em um primeiro momento, a gente pode pensar: “Bom, se ele foi reitor, ele conhece que os bichos são ruins. Ele conhece”. Aí, depois que a gente começa, depois que a gente começa se reunir... no fundo, no fundo, é o seguinte: é o medo, é o medo de que vocês tragam ideias novas, é o medo de que vocês façam reivindicações novas, é o medo de que vocês queiram discutir a melhoria da qualidade de ensino, é o medo de que vocês peçam mais dinheiro para a universidade. No fundo, no fundo, é isso. E nós conseguimos quebrar esse preconceito que foi criado durante tanto tempo neste país.

Vocês estão lembrados: o prefeito, era a mesma coisa. Você ouvia falar em marcha de prefeito, era polícia, era cachorro policial. Presidente não recebia prefeito, pela mesma razão. O Ministro da Fazenda, certamente, eu não sei se o Planejamento, não sei... Mas, na época, não queriam que se reunissem porque vem pedir dinheiro, gente. “O que prefeito quer?” “Ele vai pedir dinheiro para a cidade, para aumentar o salário, para fazer obra, para



fazer...” “Então, não vamos nos reunir”.

Nós vamos terminar o mandato participando das oito marchas que os prefeitos fizeram neste país. E não apenas o Presidente, às vezes participavam 20 ministros, 25 ministros que participavam da marcha dos prefeitos, ouviam desaforos, falavam desaforos, mas a gente foi construindo uma relação de lealdade, uma relação democrática, uma relação produtiva. E isso valeu para 70 conferências nacionais.

Então, eu quero agradecer. Primeiro, o carinho com que vocês me trataram esse tempo inteiro. Eu posso dizer, na frente da imprensa, que nunca fui destrutado por nenhum reitor, nenhuma reitora, neste país. Nunca. Aliás, sempre me trataram com carinho, e eu acho que, às vezes, até mais do que eu merecia. Eu fui tratado com muito respeito. Então, eu quero agradecer, e isso eu posso fazer até em nome do Fernando Haddad, porque eu acho que o Fernando Haddad conseguiu montar uma equipe no Ministério dele, que deu uma nova dinâmica no Ministério.

Então, obrigado. Obrigado. Agora, alguns ministros vão se retirar, agora a imprensa vai sair e nós vamos fazer a nossa reunião porque, afinal de contas, nós viemos aqui para fazer mais uma reunião entre o governo e os reitores.

Obrigado, por enquanto, por tudo o que vocês nos ajudaram.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
